



ariús
Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

**TÉCNICAS QUALITATIVAS DE PRODUÇÃO DE DADOS:
CARACTERÍSTICAS E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO**

**QUALITATIVE TECHNIQUES OF DATA COLLECTION:
FEATURES AND PROCESSES OF CONSTRUCTION**

Eliane de Menezes Cabral

Cristina Maria Coimbra Vieira

Universidade de Coimbra - Portugal.

Resumo

A escolha da técnica adequada para produção dos dados na pesquisa científica representa uma importante fase no encaminhamento que a pesquisa deve tomar. O objetivo deste ensaio é discutir questões referentes ao tema produção de dados na pesquisa qualitativa, apresentando como se caracterizam e se estruturam as técnicas e os procedimentos de aplicação das mesmas. A partir da revisão da literatura, levantaram-se autores que analisam as técnicas de produção de dados, classificando-as em interativas – observação participativa, entrevista etnográfica – e não-interativas – consulta a documentos e observação não-participativa. A escolha das técnicas utilizadas para a produção dos dados vai depender do objetivo e contexto da pesquisa e nem sempre envolve a utilização de instrumentos, já a pessoa do investigador é, por definição, o ‘instrumento vivo’ que tem o privilégio de ser testemunha ocular dos fenômenos que se propôs estudar, captando-os da realidade através dos sentidos.

Palavras-chave: Produção de dados. Pesquisa qualitativa. Técnicas interativas. Técnicas não-interativas.

Abstract

The choice of appropriate technique for data production in scientific research represents an important step forward the development of research. The purpose of this essay is to discuss issues related to the topics of data production in qualitative research, showing how this type of research is characterized and structured in its techniques and procedures. The review of literature has brought authors that analyze the techniques of data production, classifying them into interactive – participant observation, ethnographic interviews – and non-interactive – document analysis and non-participant observation. The choice of techniques used to select data will depend on the purpose and context of the research, and does not always involve the use of instruments, since the researcher is, by definition, the 'living instrument' that has the privilege of being an eyewitness of the phenomena to be studied, capturing them from reality through the senses.

Keywords: Data Production. Qualitative research. Interactive techniques. Non-interactive techniques.

Introdução

O processo investigativo é a tentativa de desvelamento de questões desafiadoras que surgem das relações do pesquisador com a realidade. Iniciar um percurso de pesquisa científica tem como ponto de partida a escolha do tema a ser levantado, e este deve estar pautado em princípios que se apoiam na motivação intrínseca e na possibilidade de efetivação da pesquisa, com o devido respeito dos princípios éticos.

Ao desenvolver um estudo científico o investigador se depara com impasses a serem respondidos que necessitam de aprofundamento teórico. Ter segurança em suas escolhas metodológicas faz parte do amadurecimento científico, necessário ao pesquisador, que terá de fazer a escolha por uma técnica ou outra para o levantamento dos dados; proceder adequadamente diante do que se pretende produzir como dado implica posicionamentos que configuram a experiência de construção de qualquer pesquisa científica, sendo estes, objeto de reflexão neste ensaio.

Características das técnicas qualitativas de produção de dados

Buscando traçar um caminho assertivo na construção da pesquisa qualitativa, tem-se como primeiro momento na produção dos dados fazer um levantamento dos participantes ou casos a estudar e do espaço a ser explorado, obedecendo aos objetivos e a um planejamento procedimental para que efetivamente eles sejam alcançados. É no momento que optamos pela técnica de produção dos dados que delimitamos nossa pesquisa, isso se dá depois das primeiras experiências no campo observando o objeto da pesquisa, pois é no contato com o contexto que algumas decisões são tomadas, na perspectiva de demarcar a pesquisa, para muitas vezes deixar de ser idealista para se tornar realista. Delimitar os dados é garantia de uma análise concisa e coerente, pois eles consistem nas peças da realidade que o investigador vai estudar. Para Bogdan e Biklen (1982), os dados são “materiais brutos que os investigadores recolhem da realidade” (p. 73). Ao se depararem com eles, é necessário fazer a separação entre o que pode servir ou não e quais as técnicas de produção de dados que melhor se adaptam à proposta da pesquisa e às características dos pesquisados e dos contextos.

As técnicas utilizadas para captar os dados tendem a ser escolhidas previamente, mas em pesquisas qualitativas podem ser reformuladas e ou ampliadas no decurso do trabalho no terreno, dependendo das hipóteses emergentes que o investigador vai colocando e da natureza da própria informação em análise (GOETZ; LeCOMPTE, 1984; PORTELA, 1985; VIEIRA, 2011).

De fato, como afirmam Quivy e Campenhoudt (2008) na pesquisa qualitativa a escolha dos caminhos para coleta e análise dos dados se dá em função dos objetivos e das hipóteses levantadas na investigação. Também, segundo Bogdan e Biklen (1994) após se iniciar o trabalho de campo, torna-se fundamental avaliar quais questões a ser “eficazmente respondidas [...] e estas devem ser de natureza mais aberta e devem revelar maior preocupação pelo processo e significado, e não pelas suas causas e

efeitos” (p. 209). Pode, por isso, afirmar-se que nos estudos de cariz qualitativo, mais do que as respostas concretas dadas pelos participantes, interessa sobretudo aos investigadores o processo de produção dessas mesmas respostas, o que traz grande complexidade ao trabalho interpretativo, que deverá ser necessariamente fiel ao que foi proferido e observado. O trabalho de produção dos dados, por parte de quem assume o papel de investigador, é uma atividade que requer criatividade e flexibilidade para se colocar frente às demandas imprevisíveis que surgem no decurso de qualquer pesquisa (COUTINHO, 2011).

As técnicas gerais de produção de dados, citadas por McMillan e Schumacher (1986) para desenvolver pesquisas qualitativas são a observação participativa, a entrevista etnográfica, a consulta de documentos e a observação não-participativa. Falando preferencialmente em estratégias de coleta de dados e não em técnicas, Goetz e LeCompte (1984), para além destas incluem ainda procedimentos desenhados pelo investigador – como as notas de campo e os memorandos – e a recolha de artefactos humanos, os quais possuem um forte cunho cultural repleto de significados.

Sabe-se que da diversidade de técnicas possíveis há duas que são fulcrais nas pesquisas qualitativas, quer pela sua natureza, quer pela riqueza de informação que permitem obter, podendo ser usadas em separado ou como complementares. São, a entrevista, “nas suas diversas modalidades” (AMADO, 2013, p. 205), e a técnica de observação participativa, esta, sobretudo, nos estudos etnográficos (VIEIRA, 1998), dado o pressuposto fundamental de que não é possível compreender o mundo social sem fazer parte dele (HAMMERSLEY; ATKINSON, 1993).

Na pesquisa qualitativa, o investigador pode não apenas recorrer às técnicas qualitativas, mas na medida da necessidade de responder aos seus objetivos iniciais, pode fazer uso, de forma complementar, de técnicas quantitativas, utilizando nestas circunstâncias uma triangulação de técnicas e ou uma triangulação de métodos, ou seja, o uso de vários recursos para produção de dados em uma mesma pesquisa,

possibilitando condições de ampliar e captar com mais precisão, minuciosidade e fidedignidade as informações, trazendo uma percepção mais holística e credível dos fenômenos que pretende estudar (MORSE, 1994). Segundo Amado (2010), a triangulação deve ser utilizada na validação do conhecimento produzido num estudo científico e argumenta que cada técnica na sua individualidade é válida, mas limitada na capacidade de responder a todas as demandas do processo investigativo. A triangulação de técnicas permite ao pesquisador articular, por exemplo, os momentos de observação e/ou entrevista com as suas reflexões posteriores, de forma a efetuar interpretações verosímeis da realidade, num processo cíclico que terminará quando se atingir a chamada saturação dos dados¹.

As estratégias de triangulação atrás referidas, quer envolvam técnicas, quer metodologias, podem ser de grande importância no decurso de uma pesquisa, uma vez que a ampliação dos trilhos seguidos pelo investigador e a complementaridade dos dados resultantes pode promover mais segurança ao lançar conclusões em um trabalho científico. De acordo com Denzin (1978 apud JANESICK, 1994) existem quatro tipos de triangulação que podem ser usadas nas investigações científicas:

- Triangulação dos dados – utiliza variadas fontes de informações;
- Triangulação dos investigadores – desenvolve o estudo sob o olhar de diversos investigadores;
- Triangulação das teorias – faz uso de várias perspectivas teóricas;
- Triangulação metodológica – testa com a multiplicidade de métodos.

¹ A saturação dos dados “traduz a sensação, sentida pelo investigador, que se recolher mais dados, se fizer mais observações ou se entrevistar mais participantes já não recolhe mais material novo. Esta sensação pode revelar-se, mais tarde, um falso indicador de que ‘está esgotada a recolha de dados’, ou então pode ser mesmo um indício de que a pesquisa no terreno chegou ao fim” (VIEIRA, 2011, p. 22).

A autora citada, na sua obra acima mencionada, acrescenta ainda um quinto tipo, a triangulação interdisciplinar – que implica o ampliar das possibilidades interpretativas com o uso de princípios e métodos de outras áreas do saber (DENZIN, 1978). As possibilidades de triangulação atendem a necessidade específica de cada pesquisa, podendo ser uma alternativa a resolução de questões surgidas no decorrer do trabalho.

Para Vieira (1999) a atividade de produção dos dados no processo qualitativo de pesquisa possui características específicas, em que o pesquisador é o ‘instrumento vivo’, uma vez que ele é capaz de apreender do contexto de pesquisa dados que só a sensibilidade humana pode captar; as peculiaridades dos dados recolhidos determinam como eles vão ser apresentados na pesquisa, podendo ser codificados para determinar características capazes de estabelecer comportamentos formalizados em padrão; e a forma como se interpreta os dados depende das condições como foram coletados.

Os autores Bogdan e Biklen (1994, pp. 207-219) apresentam sugestões de caráter procedimental para produção dos dados na pesquisa qualitativa, delineando os passos que o pesquisador pode percorrer, na construção de um processo analítico, que o leve a responder a seus objetivos de pesquisa. Estas sugestões se aplicam a qualquer técnica e estão organizadas nos seguintes pontos:

- Caminhar na perspectiva de iniciar a coleta de forma geral para ir em direção de um enxugamento das questões a serem levantadas;
- Escolher qual o tipo de estudo que atenda aos aspectos “[...] mais minuciosos da interação ou com aspectos mais gerais dos processos sociais?” (p. 208);
- Desenvolver questões que promovam oportunidades de análise geral e que levem a afunilar nas especificidades da pesquisa;

- Fazer um planejamento das sessões de produção de dados a partir das anteriores, relendo os dados recolhidos, em seguida, indagar-se sobre o que já sabe e o que precisa saber para atender aos objetivos. Pode ser necessário ficar mais tempo em um lugar do que em outro, ou entrevistar alguém que inicialmente não estava nos planos;
- Registrar as anotações de campo em papel com linhas enumeradas, de forma a identificar mais facilmente um dado quando quiser chamá-lo para a análise;
- Escrever comentários sobre situações e ideias à medida que observa o lugar pesquisado. Depois de um tempo de produzindo os dados, ler e escrever para si mesmo, um resumo do que foi sendo recolhido ao longo do tempo, constrói uma ligação com a metodologia e a teoria;
- Estimular os sujeitos da pesquisa a aprofundar questões obscuras, havendo o cuidado de não confiar muito nas opiniões individualizadas, porque elas podem estar tendenciosas;
- Aproveitar o tempo em que está no campo para aprofundar a "leitura de estudos qualitativos sobre áreas não relacionadas com o seu tema" (p. 215). Mas não se deixe persuadir por estas leituras, pois elas podem fixar seu olhar numa única possibilidade de ver os dados;
- Empregar "*metáforas, analogias e conceitos*" (p. 215), de forma a não ficar preso à "rigidez de pensamento" (idem), o que permitirá estabelecer conexão com as experiências que traz;
- Utilizar gráficos para organizar os dados e dar visão ampliada de como estão as informações coletadas;
- Fazer especulações sobre o material coletado, "não abdique de 'pensar' porque não tem todas as provas. Pense com os dados que têm" (p. 219);

- Ter abertura a novas ideias, para isso é preciso pensar sobre o material coletado. “Ruminar as ideias cria a energia necessária ao arejamento dessas mesmas ideias” (p. 219).
- Rer o material e fazer anotações e círculos em palavras-chave cria um elo que gera uma ideia do todo.

Os procedimentos levantados pelos autores que acabamos de citar conferem ao processo investigativo atitudes que levam o pesquisador a estruturar o material coletado de forma a ter mais qualidade e amplitude nas possibilidades de análise.

Para os autores Pelto e Pelto (1978 apud GOETZ; LeCOMPTE, 1984), as técnicas de produção de dados são distintas a partir da disposição interativa ou não que produzem, sendo classificadas em *técnicas interativas*, a observação participativa e a entrevista etnográfica. E em *técnicas não-interativas*, as técnicas a consultas de documentos e a observação não participativa.

As técnicas interativas são aquelas que requerem um relacionamento presencial entre os participantes e conferem ao investigador a possibilidade de compreender os dados pela ótica dos pesquisados, muitas vezes no seu ambiente natural, interagindo com o contexto numa apreensão próxima da realidade a ser estudada, o que lhe permite identificar os significados individuais, expressos através dos vocábulos e do discurso próprios de quem é protagonista (ADLER; ADLER, 1994).

Os níveis de interação produzidos pela observação participativa e pela entrevista etnográfica podem modificar ‘deliberada ou inconscientemente’ o comportamento dos pesquisados, comprometendo a credibilidade dos dados (MUCCHIELLI, 1991; GOETZ; LeCOMPTE, 1984). Um aspecto levantado por Amado (2013) é a neutralidade da pesquisa qualitativa, que é colocada em dúvida, uma vez que a presença do pesquisador no ambiente da pesquisa representa interferência no contexto, recriando-o a partir da sua interposição.

Nas técnicas não-interativas, ou seja, as que não exigem o envolvimento direto com os participantes da pesquisa, o risco é o de não obter dados suficientemente relevantes, pelo facto de o investigador não estar em contato direto com os pesquisados, mas sim com os artefatos produzidos por eles (VIEIRA, 1995; 2011). Nestes casos, se não houver o cuidado de 'devolver' as interpretações efetuadas aos participantes – para obter o seu feedback; de não triangular técnicas ou metodologias de pesquisa ou de não obter a validação cruzada das conclusões, através da participação no processo de pesquisa de outros investigadores, corre-se o sério risco de produzir dados falaciosos e de violar o sentido ético implícito na construção do conhecimento científico.

Entendendo as técnicas interativas

A principal característica das técnicas de pesquisa interativas é promover a interação direta entre pesquisador e pesquisados. A primeira que tratamos é a técnica de *observação participativa*, ela promove o afunilamento dos dados, partindo da apreensão de "dados gerais" para depois focalizar-se no cerne das questões específicas (SPRADLEY, 1980; VIEIRA, 1995; 1998).

Nas técnicas interativas os pesquisadores assumem o duplo papel de pesquisados e de pesquisadores, na busca de "apreenderem os significados individuais ao mesmo tempo em que interagem com os participantes" (ADLER; ADLER, 1994, p. 378).

O pesquisador utilizando a técnica de observação participativa se envolve com as situações do contexto interno e externo da pesquisa, sendo necessário vivenciar as mesmas experiências dos pesquisados, tendo assim maior possibilidade de captar elementos da realidade que pretende compreender. Ele tem ainda a oportunidade de

se autoquestionar sobre os dados – a chamada subjetividade disciplinada², para não ser levado pela subjetividade, precisando elaborar constantemente o registro descritivo do que é percebido, sentido e interpretado (SPRADLEY, 1980). A importância da observação participativa assenta no pressuposto de que os “contextos sociais são sempre, em maior ou menor extensão, idiossincráticos e originais” (BALL; 1988, p. 3783), não sendo possível compreendê-los sem participar neles e interagir face-a-face com quem deles faz parte.

A técnica de observação pode variar na forma de interação do pesquisador com os pesquisados, sendo classificada segundo esse critério em não participação – inexistência de qualquer envolvimento; participação passiva; participação moderada; participação ativa e participação total – completa (SPRADLEY, 1980). Logicamente, as três últimas são as que se classificam como dentro da técnica de observação participativa, ainda que se coloque o questionamento: será que quem tem uma participação completa – o nativo da situação – consegue ter o distanciamento necessário para fazer uma pesquisa científica? (PORTELA, 1985).

Ainda como variante das técnicas de observação interativa, Carmo e Ferreira (2008, p. 121) apresentam a “observação participativa despercebida pelos observados e a participativa propriamente dita”. A característica apresentada pelos autores para a primeira é que nela o observador está no contexto dos observados, mas eles não se dão conta disto, porque o pesquisador se coloca em ambiente aberto, meio a um grupo de pessoas com interesses diversos, executando sua ação investigativa, por exemplo no “estudo do comportamento dos craques de futebol” (idem). Na observação participativa propriamente dita, o pesquisador apresenta-se como tal e

² A subjetividade disciplinada é uma competência fundamental do perfil de qualquer investigador. Trata-se de “uma atitude constante de reflexão sobre o seu papel enquanto profissional, numa tentativa de tomar consciência dos possíveis enviesamentos que os seus quadros de referência poderão introduzir nas representações que ele faz do que vê, lê e ouve (VIEIRA, 2011, p. 22). Nos estudos qualitativos esta atitude ganha ainda maior relevância na construção do conhecimento, em virtude da natureza interativa do papel dos pesquisadores.

estabelece relação com o meio e as pessoas observadas, pelo que elas sabem da intencionalidade sua presença.

A técnica de observação participativa, segundo Goetz e LeCompte (1984) necessita levantar dados que respondam aos questionamentos apresentados no quadro 1.

Quadro 1. Questionamentos para a técnica de Observação Participativa

Questões chave	Questionamentos
Quem?	Quem é o grupo? Qual é a situação? Quantas pessoas lhe pertencem? Como se caracterizam esses elementos? De que maneira se entra para o grupo?
O quê?	O que está a acontecer? O que é que as pessoas do grupo dizem umas às outras ou estão a fazer em conjunto? Quem toma as decisões? Que comportamentos são comuns a quais são raros? Como é que eles os descrevem? Que nome lhes dão? Quais as suas formas de comunicação verbal e não verbal? Quem fala e quem ouve?
Onde?	Qual local onde decorre a situação estudada? Como se caracteriza o espaço físico em redor? Quais os recursos naturais/tecnológicos que são utilizados? Quais os sinais sons, aromas, paladares e sentimentos típicos do grupo estudado?
Quando?	Quando é que o grupo se encontra e interage? Qual a frequência e duração desses encontros? Qual a gestão que fazem do tempo? Como interpretam e se posicionam face ao seu passado e ao seu futuro?
Como?	Como é que as observações do investigador se posicionam face à perspectiva dos participantes? Como é mantida esta estabilidade? Como são geridos os acontecimentos do acaso? Quais são as regras e norma que governam a organização social? Como é que este grupo se relaciona com outros grupos, organizações ou instituições?
Porquê?	Por que é que o grupo se comporta desta maneira? Que significados atribuem os participantes às suas vivências? Que símbolo, tradições, valores e visões do mundo podem ser encontrados no seio deste grupo?

Fonte: Adaptado de Vieira, 2011, p. 40.

Os dados recolhidos a partir do levantamento destes questionamentos podem colaborar com a diminuição dos eventuais problemas apontados por Vieira (2011) à aplicação da técnica de observação participativa. Com efeito, o alto nível de

intimidade com os contextos pesquisados pode levar a dificuldades de isenção na análise e ainda a confiança excessiva na memória humana, que é seletiva.

A segunda técnica interativa a destacar é a *entrevista etnográfica*, e se caracteriza pelo questionamento direto ao pesquisado por meio de questões abertas, em que a confiança, o respeito, conversas livres, frequentes e longas oferecem ao investigador a possibilidade de apreender os significados atribuídos pelos entrevistados aos seus sistemas de valores (AMADO, 2013). A troca dialógica estimulada pela entrevista exprime as percepções das experiências dos pesquisados “através de perguntas abertas e das suas reações, o investigador [...] permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p. 192). Estas características dão oportunidade ao investigador de adequar as questões levantadas e também o foco de análise das mesmas às características dos participantes e dos contextos, implicando muitas vezes longos períodos de permanência nos mesmos (HEYL, 2001).

Segundo Fetterman (1998) as entrevistas se classificam em: estruturada, semi-estruturada, informal e retrospectiva. A de maior preferência dos pesquisadores no âmbito dos estudos qualitativos é a entrevista informal, que se caracteriza pela liberdade do processo, tanto na estruturação das questões como na espontaneidade das respostas. Nestas não existe um guião pré-determinado de perguntas, e a ordenação das questões é delineada a partir das respostas oferecidas pelos entrevistados às tematizações levantadas pelo pesquisador, sendo estes, livres para respondê-las “da forma como entenderam e utilizando o seu próprio vocabulário” (VIEIRA, 2011, p. 42)

É por meio das entrevistas etnográficas que o pesquisador promove o pesquisando a categoria de especialista, pois está nele o conhecimento desejado, fazendo-o sentir-se valorizado por esse poder, para captar dele sua experiência. Para Fontana e Frey (1994) ocorre uma partilha de poder no curso da entrevista, e o pesquisador assume o papel de um aprendiz que quer conhecer os significados que

os entrevistados dão aos acontecimentos e ações, sendo a ênfase, sobretudo nos aspectos culturais. McMillan e Schumacher (1989) nos trazem o conceito de entrevista etnográfica, em que, por meio dela se tem “o modo, segundo o qual, os indivíduos nos vários cenários sociais concebem o seu mundo e a forma como explicam ou dão sentido aos acontecimentos” (p. 405).

A técnica de entrevistas etnográficas não tem a prioridade de uniformizar as questões, pois não existe a preocupação em controlar possíveis variáveis parasitas³ que afetam a validade interna dos resultados da pesquisa.

As finalidades da entrevista etnográfica são levantadas por Vieira (2011) e se traduzem na possibilidade de desenvolver uma pesquisa qualitativa, em que o pesquisador percebe com mais clareza as atividades, papéis, sentimentos, motivações, preocupações, pensamentos, expectativas futuras e experiências passadas dos participantes; adéqua o foco da pesquisa; desenvolve ideias pouco exploradas no percurso da produção dos dados; estabelece conexão entre diferentes pesquisados sobre os mesmos dados e sobre dados colhidos em contexto da técnica de entrevista informal; aponta documentos e artefatos; testa hipóteses que surgem no decurso da pesquisa; averigua a pertinência dos dados negativos ou divergentes; estimula a interação dos pesquisados sobre as teorias articuladas e avalia o grau de correspondência entre as perspectivas émicas⁴ e éticas⁵ do estudo.

³São variáveis que se associam à variável independente, exercendo um efeito na dependente e assim comprometendo a validade interna da pesquisa (VIEIRA, 1995). Também podem assumir o nome de variáveis estranhas ou confundentes.

⁴A perspectiva émica é a de quem é interno ao caso/grupo estudado. Traduz a interpretação que os participantes fazem dos seus acontecimentos de vida e dos seus comportamentos, através das suas próprias palavras e considerando o seu papel de ‘nativos’ no contexto do estudo. Assenta na existência de múltiplas realidades, todas elas válidas, traduzida em códigos linguísticos específicos de quem é estudado.

⁵A perspectiva ética é a de quem é externo ao grupo estudado. Traduz a interpretação que o investigador faz dos fenómenos observados no contexto estudado, e a representação que ele passa para a comunidade científica, sobre a vida das pessoas/casos que estuda, a partir da sua compreensão sobre as perspectivas émicas. Há, neste caso, a utilização dos chamados códigos linguísticos de segunda ordem, pois o investigador traduz em conceitos científicos partilhados, aquilo que é idiossincrático das pessoas que estudou.

Esta modalidade de entrevista é utilizada muitas vezes para ampliar as informações da pesquisa – que inicialmente foram obtidas por outras técnicas, como a observação não-participativa – que necessitam serem explicadas alargando os pontos de vista dos entrevistados “como pensam, interpretam ou explicam o seu comportamento no contexto natural em estudo” (COUTINHO, 2011, p. 291).

Segundo Patton (1980 apud MacMILLAN; SCHUMACHER, 1989) as questões para a técnica de entrevista são de natureza diversa e podem arrumar-se em seis modelos, organizados no quadro 2.

Quadro 2. Questões de referência para a técnica de entrevista

Questões	Finalidade
Questões relativas às experiências e aos comportamentos	Aborda questões que a pessoa costuma fazer na ausência do investigador;
Questões relativas às opiniões/valores	Aborda o que a pessoa pensa acerca das suas experiências (intenções, metas, valores);
Questões relativas aos sentimentos	Aborda a forma como as pessoas reagem emocionalmente às suas experiências;
Questões relativas ao conhecimento	Aborda o que a pessoa sabe e considera factual;
Questões relativas a aspectos sensoriais	Abordam o que a pessoa viu, ouviu etc.
Questões relativas a aspectos demográficos do contexto	Aborda aspectos demográficos e ajudam o investigador a seleccionar, localizar ou identificar outras pessoas a entrevistar.

Fonte: Adaptação de Vieira 2011, p. 43.

A técnica de entrevista etnográfica não está isenta da possibilidade de estruturação das perguntas (VIEIRA, 1995; 2011), mas para isso, deve o pesquisador ter um guião que pode partir das questões acima mencionadas.

Para Amado e Ferreira (2013, pp. 208-213) a técnica de entrevista pode ser classificada em relação a sua estrutura e a sua função. Quanto à estrutura pode ser: estruturada ou diretiva; semi-estruturada ou semi-diretiva; não-estruturada ou não-

diretiva; informal-conversação. E quanto às funções: investigação-controlo; diagnóstico-caracterização; terapêuticas. Os tipos de entrevista apontados pelos autores estão assim caracterizados:

Quanto à estrutura:

- Entrevista estruturada ou diretiva – organizada por meio de perguntas estruturadas antecipadamente, elas giram em torno de um tema central determinado pelo pesquisador, é feita a todos os entrevistados sem grandes mudanças no processo.
- Entrevista semi-estruturada ou semi-diretiva – não existe rigidez no roteiro levantado, as questões são construídas previamente e reestruturadas a partir do que diz o informante, elas são apresentadas a ele “numa ordem lógica para o entrevistador” (p. 208) e as respostas são estimuladas a serem produzidas na liberdade.
- Entrevista não-estruturada ou não-diretiva – as questões surgem da interação com o entrevistado, não havendo preocupação com a preparação de um guia, mas seguindo “a lógica do discurso do entrevistado” (p. 209).
- Entrevista informal-conversação – é uma técnica utilizada como complemento a outras, muito útil na confirmação de informações, ocorre sem esquemas prévios, “provocando *insights* importantes para a compreensão dos dados” (p. 210).

Quanto às funções:

- Entrevista investigação-controlo – com o objetivo de averiguar as necessidades do processo investigativo, caracteriza-se como entrevista diretiva.

- Entrevista diagnóstico-caracterização – indica sinais que apontam para a descrição da pesquisa, faz parte do processo de entrevistas semi-diretiva.
- Entrevista terapêutica – é utilizada como recurso para “fins de ajuda e conselho” (p. 211).

A técnica de entrevista etnográfica é subdividida em entrevistas com os informantes-chave, entrevistas relativas às histórias de carreira e os inquéritos (GOETZ; LeCOMPTE, 1984). Ainda como proposta de pesquisa existe a entrevista coletiva (AMADO; FERREIRA, 2013, p. 224).

Na entrevista com informantes-chave, o pesquisador busca indivíduos que ocupem uma posição privilegiada de representatividade frente a um grupo, com o objetivo de captar informações que somente eles possam dispor.

As entrevistas de histórias de carreira são produções de ‘narrações’ que retratam experiências de vida e do contexto, na busca de melhor assimilar as idiosincrasias humanas. Para Amado e Oliveira (2013), as histórias de vida e autobiografias são substratos para pesquisas que revelam percursos narrativos “com descrições e interpretações da ação humana” (p. 251). Estas expõem e estimulam mecanismos autoavaliativos que remetem aos significados construídos pelos indivíduos nos seus contextos sociais. Os autores também ressaltam as ‘estórias’, que são narrativas recolhidas por meio de entrevistas e/ou observações, elas surgem dos fatos, acontecimentos e ações sobre uma temática específica, confirmado pelo contexto ou pela época, e descritos de acordo com o observado para análise. Uma vez que essas modalidades de entrevistas consistem numa atividade reflexiva do entrevistado, “os procedimentos adequados para o seu registro têm sido a observação participativa, a entrevista semi-diretiva ou não-diretiva, a estimulação da memória [...] e inclusive os incidentes críticos” (p. 259), pois, são propostas investigativas em que a prática do diálogo é estimulada por elementos fundamentais, como “a pergunta, a clarificação e a especulação” (AMADO; FERREIRA, 2009, p. 214).

Os inquéritos segundo Goetz e LeCompte (1984) são organizados nos estudos qualitativos por meio de entrevistas estruturadas, em que as questões são organizadas antecipadamente, com o objetivo de conferir a confiabilidade dos dados recolhidos por meio de outras técnicas. E, para Amado (2013), a clareza com que as questões são formuladas; as condições de abrangência e o peso de importância que elas representam para o estudo desenvolvido são alguns aspectos importantes desta técnica e devem ser considerados pelo pesquisador.

Ainda como instrumento de produção de dados a entrevista coletiva, centrada em um grupo de informantes, é uma técnica que oportuniza a riqueza de informações construídas na interação entre pares – ou entre pessoas interessadas/envolvidas numa temática. Referenciando esta ideia, Amado e Cardoso (2013) ressaltam que as informações desta técnica têm peso, porque representam o “conjunto das significações específicas do grupo” (p. 195). Os mesmos autores apontam em seu trabalho, outro tipo de situação em que um grupo torna-se parâmetro para produção de dados, é o grupo de referência ou grupo focal, que consiste em um grupo representativo – não necessariamente no sentido estatístico – de uma população específica que é estimulado a interagir sobre um tema, orientado por um coordenador que impulsiona as discussões. Essa técnica visa captar a diversidade de reações que emergem no calor das discussões temáticas e “nestas circunstâncias, a riqueza da informação obtida poderá ser reforçada pela possibilidade de captação, por parte do(s) entrevistador(es) das interações entre as diferentes pessoas entrevistadas” (VIEIRA, 2011, p. 44).

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, Amado e Simão (2013) apresentam mais alguns instrumentos de pesquisa, denominados de “pensar em voz alta, autoscopia e estimulação da recordação” (pp. 235-244). Essas técnicas caminham no esteio das técnicas interativas e servem ao objetivo “investigativo e de formação” (p. 235). Elas oportunizam o pesquisador a entender o processo “ensino-aprendizagem como prática social que é” (p. 235), por meio da voz dos atores que o fazem

acontecer. O instrumento pensar em voz alta consiste no estímulo para falar o que lhe vem à mente enquanto vivencia a atividade, ele acontece em tempo real enquanto tudo é vivido. A técnica da autoscopia caracteriza-se pelo uso do recurso de autoavaliação por meio da gravação de imagens e sons de atividades realizadas pelo pesquisado no contexto da pesquisa.

A estimulação da recordação é um método investigativo que traz ao presente fatos do passado, por meio da gravação de uma sequência de atividades, fazendo os pesquisados rememorarem ações e comunicarem seus relatos, objetivando “desvendar o sentido” (p. 237) dessas ações. Para Veiga Simão (2001 apud AMADO, 2013) esse instrumento de pesquisa é “um modo de estimular à metacognição dos professores, permitindo, desse modo, um processo formativo que leva à tomada de consciência ‘dos processos que utilizam quando ensinam e a compreenderem os seus efeitos’” (p. 238).

Ainda como técnica interativa, Amado (2009) apresenta a dos “incidentes críticos” (p. 209), que se caracteriza pelo registro, por meio de observações, depoimentos – orais e/ou escritos – ou entrevistas, de situações que representam “casos especialmente problemáticos ou significativos” (ROSALES, 1991 apud AMADO, 2009, p. 209), com o intuito de “fazer indução ou previsões sobre o indivíduo que realiza a ação” (FLANAGAN, 1954 apud AMADO, 2009, p. 209). Estes registros devem levar em consideração as “circunstanciais do incidente; os comportamentos dos envolvidos; as inferências e os comentários do relator sobre as pessoas e os fatos” (Amado, 2009, p. 210).

As técnicas interativas promovem um arcabouço de possibilidades dialógicas do pesquisador com o cenário social a que se propõe pesquisar, mas cabe aqui ressaltar a necessidade dele estar seguro eticamente do que está a propor a sua comunidade científica.

Trabalhando as técnicas não-interativas

Estas técnicas se caracterizam por não serem produzidas como resultado da interação entre pesquisador e pesquisado, são elas a *consulta a documentos/artefatos e a observação não-participativa*. A primeira técnica evocada, caracteriza-se por ser um instrumento de pesquisa em que o material sobre o qual se recolhe os dados são materiais palpáveis que exprimem

[...] crenças e comportamentos próprios de uma cultura, os quais traduzem as experiências, os conhecimentos assentes em valores, os sentimentos e as percepções das pessoas que a ela pertencem [...] que por terem uma existência física podem ser separados em termos espaciais e temporais do seu autor, produtor ou utilizador (VIEIRA, 2011, p. 44).

A análise de documentos e artefatos traz a possibilidade de fazer retrospectivas no sentido de reconstruir acontecimentos e de atribuir possíveis significados aos mesmos, sendo uma técnica inspirada nos historiadores e arqueólogos, como sugeriram Goetz e LeCompte (1984).

Considerando a importância desses documentos/artefatos para as investigações qualitativas, Quivy e Campenhoudt, (1998) nos alerta para ser fundamental atender aos aspectos da autenticidade, pertinência e exatidão das informações, e que estes, precisam fazer parte de um protocolo de compromissos assumidos eticamente pelo investigador.

Segundo Goetz e Le Compte (1984) e MacMillan e Schumacher (1989), os documentos e artefatos são classificados em: *arquivísticos e demográficos* – materiais que resultam do registro de experiências; e *indicadores do ambiente físico* – produtos que não se materializam, mas são passíveis de serem percebidos no contexto da pesquisa e também, instrumentos funcionais, objetos que possuem uma

representatividade para os sujeitos da pesquisa –, tendo cada tipo de documentos suas fontes específicas de informações, como demonstra o esquema 1

Esquema 1. Documentos/artefatos e suas fontes de informação



Fonte: Adaptado de Vieira, 2011, p. 45.

Os documentos ou artefatos identificados como arquivísticos e demográficos revelam a possibilidade de pesquisa sobre materiais palpáveis que expressam a cultura da individualidade ou de um grupo social. E os denominados indicadores do ambiente físico traduzem-se em conteúdos imateriais que transmitem os valores e tradições, também da individualidade ou do coletivo, são traços de comportamentos que revelam as idiosincrasias peculiares do objeto pesquisado, como também em objetos palpáveis que possuem uma representatividade para os participantes da pesquisa. Qualquer documento e/ou artefato é passivo de oferecer ao investigador informações sobre as pessoas estudadas, seu modo de vida, sua cultura, e tudo

depende das condições da pesquisa e do potencial do investigador, para que estes se tornem significativos como recursos que permitem produzir informação valiosa e fidedigna.

Segundo Amado e Ferreira (2013) os documentos utilizados como instrumentos de pesquisa qualitativa são separados em duas categorias, documentos pessoais e não-pessoais (pp. 275-289). Os *documentos não-pessoais* são aqueles produzidos para responder a uma necessidade social, para Hammersley e Atkinson (1994) eles são produtos sociais que ao serem analisados permitem perceber o conjunto de fenômenos interacionais e interpretativos que estão por detrás da sua produção. Os *documentos pessoais* são construções dialéticas que expressam de forma individual o pensar e estar no mundo dos sujeitos. Ainda segundo Amado e Ferreira (2013) o que diferencia os documentos pessoais dos demais é o fato de poder ser estabelecida uma relação muito direta entre estes e o seu autor, a sua biografia, o contexto de vida, etc. (p. 277). E, segundo Thomas (1967 apud AMADO; FERREIRA, 2013) os documentos pessoais e/ou não pessoais, mostram “as situações que condicionaram o comportamento” (p. 277) dos indivíduos, sendo de grande importância para a pesquisa qualitativa, pois revelam aspectos das relações vividas no passado e/ou no presente que motivam mudanças de comportamentos, provocando a renovação das relações da pessoa humana com o meio.

A segunda técnica não-interativa é a *observação não-participativa*, ela pressupõe o registro de acontecimentos e comportamentos observáveis no ambiente da pesquisa, em que o investigador se isenta de qualquer tipo de envolvimento com os pesquisados, em que se apoia no seu poder de observação e em um guia de observação construído a partir de indicadores observáveis (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008).

Esta condição de distanciamento dos sujeitos observados é respaldada por alguns teóricos e negada por outros. Spradley (1980) afirma que a observação não-participativa é uma técnica ideal para “‘indivíduos extremamente envergonhados’ [...]”

que preferem evitar qualquer tipo de envolvimento com os sujeitos em questão” (p. 59). Entretanto, Goetz e LeCompte (1984) acreditam não ser possível “evitar a interação nas situações sociais [...] salvo algumas exceções, [como] nos estudos feitos com programas de televisão” (p. 143). Para os autores citados, a presença do investigador no contexto de pesquisa influencia nas condições de realização do estudo, tornando-o imediatamente participante.

Segundo Carmo e Ferreira (2008) a observação não-participativa é uma técnica em que o pesquisador não estabelece nenhum contato com os observados, salvo por questões éticas é obrigado a pedir sua autorização para desenvolver o estudo. Para eles existem três características que exprimem a peculiaridade dessa técnica: “reduz substancialmente a interferência do observador no observado; permite o uso de instrumentos de registro sem influenciar o grupo-alvo; possibilita um grande controle das variáveis a observar” (p. 120).

Os autores Goetz e LeCompte (1984) classificam as observações não-participativas em três tipos diversos:

1. Crônicas da tendência geral dos comportamentos – é o registro de feitos ou dizeres, no contexto da ação, por meio da filmagem, gravação ou manualmente.
2. Análises da proximidade (espacial) entre os sujeitos e quinestésicas – se refere à captação fílmica, estabelecendo uma relação entre o espaço e o movimento corporal dos alunos.
3. Análise das interações – é um processo de observação que requer a utilização de protocolos e de grelhas de observação estruturada.

Como já dissemos anteriormente, em um estudo qualitativo é possível utilizar também técnicas quantitativas, estas assumindo uma importância complementar, pois são usadas para acrescentar e enriquecer, e/ou confirmar a informação obtida

através de técnicas qualitativas. Bogdan e Biklen (1982) levantam o fato de que a mistura das técnicas investigativas poderá conduzir a 'abordagem híbrida', se não for bem conduzida e se não forem respeitados os princípios relativos à credibilidade científica do conhecimento produzido. A questão levantada pelos autores é relevante na medida em que a habilidade do pesquisador representa um aspecto a ser considerado no sucesso da pesquisa e seu critério ético fornece confiabilidade aos seus dados.

Conclusão

Diante de questões tão relevantes para a pesquisa qualitativa, concluimos que a produção de dados representa um aspecto primordial para o sucesso da pesquisa científica, pois a clareza e domínio da técnica no momento de abordar os pesquisados, utilizando o instrumento que melhor se adéqua e responda as necessidades dos objetivos da pesquisa é o ponto chave em todo o processo investigativo.

Nos estudos qualitativos o pesquisador de Ciências Sociais e Humanas tem maior possibilidade de adequação das técnicas de produção de dados, pois a natureza flexível e cíclica de todo o processo de pesquisa, e a escolha contínua das técnicas e estratégias de recolha e análise de dados, promove a oportunidade de avaliar qual técnica cumpre sua necessidade e assim, complementar com outra técnica quando necessário, para esclarecer os dados levantados. Essa adaptação é prerrogativa para o desenvolvimento de uma pesquisa clara, que traz segurança ao pesquisador na construção de suas conclusões.

Os indicativos apontados às técnicas de produção de dados neste trabalho resumem as atitudes assertivas que o investigador experiente ou não necessita ter. Elas se configuram como instrumentos que captam do contexto natural circunstâncias diversas da vida real, se propondo de maneiras diferenciadas a serem

caminhos de apreensão dos significados empreendidos pelos pesquisados nos variados contextos sociais e interpretados pelo pesquisador.

A observação se apresenta como uma técnica de apreensão de um recorte social, a partir da perspectiva do pesquisador, podendo os investigados interagir diretamente ou indiretamente na construção de suas concepções. A entrevista é uma possibilidade de técnica interativa que oportuniza ao pesquisador captar os sentidos construídos pelos entrevistados, registrando em sua pesquisa os valores atribuídos por eles ao aspecto ou contexto social em questão. A pesquisa por meio de documentos e ou artefatos representa uma oportunidade de levantamento de dados passível de comprovações, uma vez que sua fonte é um acervo rico de informações, presente no contexto do objeto pesquisado.

Concluimos que as técnicas de produção de dados *observação participativa*, *entrevistas etnográficas*, *consulta a documentos/artefatos* e *observação não-participativa*, constituem uma parte importante na construção da pesquisa qualitativa, caminho esse de grande peso na sua qualidade, já que representam os meios através dos quais o pesquisador capta a realidade e os seus significados.

Observar as condições de produção dos dados configura-se como um passo fundamental para a realização de um estudo credível, aceite pela comunidade científica e passível de ser replicado por outros autores. No entanto, assim como “não existem métodos perfeitos, sejam eles quantitativos ou qualitativos” (SIMÕES, 1990, p. 48) também não existem as técnicas ideais para produção de dados, tratando dos estudos dos fenômenos sociais e humanos, pois a escolha apropriada depende das opções e/ou condições do investigador à atender as características idiossincráticas de cada estudo particular e dos objetivos que nortearam os trilhos da sua pesquisa.

Referências

ADLER, P. A.; ADLER, P. Observational techniques. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994, pp. 377-392.

AMADO, João. (Org.). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2013.

AMADO, João. *Introdução à Investigação Qualitativa em Educação*. Relatório de Disciplina Apresentado nas Provas de Agregação. Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Coimbra, 2009.

AMADO, João. Ensinar e aprender a investigar - reflexões e pretexto de um programa de iniciação à pesquisa qualitativa. *Revista portuguesa de pedagogia*, Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, v. 44, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/4804>>. Acesso em: 18 de mar. 2013.

AMADO, João; CARDOSO, Ana Paula. A investigação-ação e suas modalidades. In: AMADO, João (Org.). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013, pp. 187-197.

AMADO, João; FERREIRA, Sónia. Documentos pessoais (e não pessoais). In: AMADO, João (Org.). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013, pp. 275-289.

AMADO, João; FERREIRA, Sónia. A entrevista na investigação educacional. In: AMADO, João (Org.). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013, pp. 207-232.

AMADO, João; OLIVEIRA, Albertina. Análise de narrativas - 'estórias' ou episódios. In: AMADO, João (Org.). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013, pp. 251-261.

AMADO, João; SIMÃO, Ana Margarida. Pensar em voz alta, autoscopia e estimulação da recordação. In: AMADO, João (Org.). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013, pp. 235-244.

- BALL, S. J., Participant observation. In: HUSEN, T.; POSTLETHWAITE, T. N. (Eds.), *The International Encyclopedia of Education*. Oxford: Pergamon Press, 1989, pp. 3782-3786.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Qualitative Research for Education. An Introduction to Theory and Methods*. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1982.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria dos Métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro. *Metodologia da Investigação*. Guia para Auto-aprendizagem. 2. ed. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.
- COUTINHO, Clara Pereira. *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2011.
- GOETZ, J. P.; LeCOMPTE, M. D. *Ethnography and Qualitative Design in Educational Research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1984.
- JANESICK, V. J. The dance of qualitative research design. Metaphor, methodolatry, and meaning. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994, pp. 209-219.
- McMILLAN, J. H.; SCHUMACHER, S. *Research in Education. A Conceptual Introduction*. Glenview: Scott, Foresman and Company, 1989.
- MUCCHIELLI, Alex. *Les Méthodes Qualitatives*. Paris: Press Universitaires de France, 1991.
- PORTELA, José. Observação Participante (Reflexões sobre uma Experiência). *Cadernos de Ciências Sociais*, v. 3, pp. 157-176, 1985.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.
- SIMÕES, António. A investigação-ação: natureza e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, n. XXIV, pp. 39-51, 1990.
- SPRADLEY, J. P. *Participant Observation*. Forth Worth: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1980.

VIEIRA, Cristina C. *Investigação Qualitativa e Investigação Quantitativa: uma abordagem comparativa*. Coimbra: Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1995.

VIEIRA, Cristina C. A observação participante: aspectos gerais desta técnica qualitativa de recolha de dados. In: *Ensaio em Homenagem a Joaquim Ferreira Gomes*, Coimbra: NAIE, pp. 761- 767, 1998.

VIEIRA, Cristina C. A credibilidade da investigação científica de natureza qualitativa: Questões relativas à sua fidelidade e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIII, 2, 89-116, 1999.

VIEIRA, Cristina C. *Relatório do programa, conteúdos e métodos de ensino das matérias da unidade curricular de Metodologia da Investigação em Educação II*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Psicologia e Educação, 2011.

Autoras

Eliane de Menezes Cabral

Doutoranda em Educação/ Universidade de Coimbra - Portugal

Mestre em Letras/UFPB

Professora da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande/PB

E-mail: seja.cap@gmail.com

Cristina Maria Coimbra Vieira

Doutora em Educação

Professora do Doutoramento em Ciências da Educação

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra - Portugal.

E-mail: vieira@ci.uc.pt

Recebido em 11 de outubro de 2014.

Aprovado em 30 de outubro de 2014.